



A invasão do Ceub, com 3.150 pessoas aglomeradas em 630 barracos, é uma das maiores do Plano Piloto



Invasores preferem o Plano Piloto

Levantamento efetuado pelo Núcleo de Pesquisas da Shis há três anos, e sobre o qual foi feita projeção de crescimento de 15 por cento ao ano, indica que as maiores invasões do Plano Piloto estão na Vila Paranoá, Vila Planalto e nas proximidades do Ceub.

Na Vila Paranoá, existem 5.606 barracos, que abrigam 28.030 pessoas. O número de barracos é mais da metade do total do Plano Piloto, estimado em 8.726. A Vila Planalto tem 1.297 barracos para uma população de 6.485 pessoas. O Ceub tem 630 casas para 3.250 pessoas. A menor invasão do Plano Piloto é a da Vila Piauí, onde vivem 405 pessoas.

Em seu levantamento, a Shis cadastrou barracos e chácaras, de acordo com o tamanho do imóvel e a destinação que o invasor lhe deu, de simples moradia ou de características rurais. No Plano Piloto foram cadastradas 29 chácaras no Lago Sul, onde vivem 187 famílias. Lá existem 158 barracos abrigando, juntamente com as chácaras,

935 pessoas. Ainda há 27 chácaras no Lago Norte e 11 no Catetinho.

Os locais fora do Plano Piloto onde a Shis fez o levantamento de invasões são Águas Claras, Varjão, Setor de Indústria e Abastecimento, Setor de Indústrias Gráficas, Cruzeiro e cidades-satélites, à exceção de Brazlândia e Planaltina. Não há, segundo a Shis, invasões em Brazlândia e as três que havia em Planaltina foram transferidas para as Vilas Buriti I e II, no fim de 1985.

As populações que decidem fazer invasões dão preferência ao Plano Piloto pelas facilidades de transporte e emprego que encontram. Além do mais, de acordo com um assessor do secretário de Habitação, é sempre melhor "estar próximo à mesa dos ricos".

A cidade-satélite com maior índice de barracos é Taguatinga, com 650. A área com maior número de chácaras é o Park Way, com 593. Somados aos 147 barracos, dá um total de

740 famílias para uma população de 3.700 pessoas.

COMÉRCIO INVASOR

O Departamento de Fiscalização e Licenciamento de Obras informa que a invasão de áreas públicas é praxe em Brasília. Existem até pessoas que vendem lotes "com tantos metros e outros tantos de área verde". As áreas verdes, lembra o DFLO, são públicas e não podem ser objeto de negociação. Certas regras nunca são respeitadas, sequer pelas construtoras.

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo negou, em sua última reunião, o habite-se a uma mansão do Lago Sul. O engenheiro responsável não obedeceu aos limites de alinhamento no terreno e avançou sobre a área verde. O DFLO, segundo o CAU, "dormiu na parada" e agora o dono do imóvel terá de derrubar a casa.

O único caso em que é permitido o uso por particulares de áreas públicas é de bares e restaurantes, que podem colocar telhei-

ros e mesas sobre as calçadas. Esta concessão, segundo o DFLO, foi feita para acabar com a mística de que Brasília não tem esquinas nem locais de lazer.

Quando a fiscalização descobre que alguém invadiu área pública, o responsável é intimado a desmanchar a obra. Quando não acata a ordem, a construção é derrubada. Este foi o caso de uma loja de calçados na 308 Sul e um salão de beleza na 306 Sul.

O DFLO conta com 80 fiscais para executar os serviços. Mas só trabalham 60, em média, porque sempre há alguém de férias ou de licença. A maior parte das denúncias é feita por moradores das proximidades das lojas que invadem áreas públicas. Quando são feitas, as equipes vão ao local mas não se restringem à loja denunciada. Percorrem toda a quadra. O órgão atua somente no Plano Piloto, Lago Sul e Norte, Setor de Mansões e Cruzeiro. Nas cidades-satélites e fiscalização é feita pelas administrações regionais.